

MANEJO CLÍNICO DE CRISES CONVULSIVAS: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Lívia Eduarda do Nascimento Dias¹; Marcello Mendes Gomes Lima²; Arthur Rabelo Alves³; Marcelino Costa Sampaio⁴

livia.eduardadias01@gmail.com

Introdução: A crise convulsiva constitui uma das emergências neurológicas mais frequentes nas unidades de urgência e emergência, exigindo reconhecimento imediato e manejo adequado para redução de complicações neurológicas, morbidade e mortalidade. Conceitualmente, define-se como uma manifestação clínica transitória decorrente de atividade elétrica excessiva, anormal e síncrona dos neurônios corticais, podendo ocorrer de forma isolada ou como parte de um distúrbio epiléptico crônico. Quando a crise se prolonga ou ocorre em sucessão sem recuperação do nível de consciência, caracteriza-se o estado de mal epiléptico, condição neurológica grave e potencialmente fatal. Do ponto de vista epidemiológico, estima-se que cerca de 8 a 10% da população mundial apresentará ao menos um episódio de crise convulsiva ao longo da vida, sendo uma das principais causas de atendimento neurológico emergencial. **Objetivo:** Analisar o manejo clínico da crise convulsiva na urgência e emergência. **Metodologia:** Foram consultadas as bases de dados SCIELO, MEDLINE, LILACS E BVS utilizando-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Crise Convulsiva” e “Manejo clínico”, selecionando artigos publicados entre 2022 e 2026, em português, as publicações selecionadas e que estavam disponibilizadas gratuitamente foram lidas na íntegra. **Resultados e Discussão:** Após interpretação e estudo completo das literaturas selecionadas anteriormente, foi perceptível que o tratamento inicial das crises convulsivas prioriza a abordagem sistematizada do paciente, com estabilização das vias aéreas, respiração e circulação, seguida do controle farmacológico da crise. Os benzodiazepínicos constituem a terapia de primeira linha, enquanto anticonvulsivantes de segunda linha, como levetiracetam, fosfenitoína ou valproato, são indicados nos casos refratários ou de estado de mal epiléptico. Paralelamente, é imprescindível a investigação e correção da causa desencadeante, conforme preconizado pelas diretrizes nacionais e internacionais recentes. **Conclusão:** Os estudos analisados identificaram que a estabilização inicial do paciente, seguida da administração oportuna de benzodiazepínicos como terapia de primeira linha e da escolha adequada dos anticonvulsivantes de segunda linha, constitui o eixo central do tratamento emergencial. Observa-se, ainda, tendência ao uso de fármacos com melhor perfil de segurança, como o levetiracetam, especialmente em populações pediátricas. Assim, o manejo eficaz da crise convulsiva na urgência e emergência depende da integração entre reconhecimento rápido, tratamento farmacológico baseado em evidências e organização assistencial.

Palavras-chave: Manejo Clínico; Crise convulsiva; Atendimento neurológico.

Área Temática: Temas livres em Medicina.